

# *A LIBERDADE CRISTÃ*

A salvação em Cristo é libertação e a vida cristã é uma vida de liberdade — pois Cristo nos libertou (Gl 5.1, cf. Jo 8.32-26). A ação libertadora de Cristo não é basicamente de melhoramento social, político ou econômico, como hoje, às vezes, se sugere; é a libertação do jugo da lei como meio de salvação; é libertação do poder do pecado e da superstição.

Primeiramente, o cristão é libertado da lei como sistema de salvação. Sendo justificado pela fé em Cristo, não está mais sob o jugo da lei de Deus, mas sob o império de sua graça (Rm 3.19; 6.14,15; Gl 3.23-25). O seu status diante de Deus (a "paz" e o "acesso" de Rm 5.1,2) é assegurado porque eles foram aceitos e adotados em Cristo. Não dependem e jamais dependerão daquilo que fazem, e nem jamais estarão em perigo por aquilo que deixarem de fazer. Eles vivem não porque são perfeitos, mas porque são perdoados.

Embora sejam caídos, os seres humanos pensam poder ganhar o direito de se relacionar com Deus, mediante disciplinas de obediência, de rituais e ascetismo. Sem a justiça de Deus, "eles procuram estabelecer a justiça própria" — como Paulo descreve a ação dos judeus (Rm 10.3). Paulo sabia que esse é um empreendimento sem esperança. Nenhum desempenho humano jamais será bom o suficiente, pois há sempre desejos errados no coração, não importando quão corretas sejam as ações exteriores (Rm 7.7-11, cf. Fp 3.6). Deus olha primeiro para o coração.

Longe de abrir o caminho para a vida, a obra da lei é despertar, desmascarar e condenar o pecado que permeia nossa vida moral, fazendo-nos cientes de sua realidade e consequências (Rm 3.19; 1Co 15.56; Gl 3.10). A futilidade que existe em considerar a lei como um sistema de salvação — e em procurar justiça por meio dela, torna-se plenamente evidente (Gl 3.10-12; 4.21-31). Esta futilidade é escravidão à lei, da qual Cristo nos liberta.

Em segundo lugar, os cristãos foram libertados do domínio do pecado (Jo 8.34-36; Rm 6.14-23). Foram sobrenaturalmente regenerados e vivificados para Deus, através de sua união com Cristo na sua morte e na sua vida ressurreta (Rm 6.3-11). O desejo de seus corações agora é servir a Deus em justiça (Rm 6, 18, 22). O domínio do pecado envolve não só constantes atos de desobediência, mas também constante menosprezo da lei moral de Deus, criando, às vezes, ressentimento ou, mesmo, ódio para com a lei. Agora, contudo, tendo transformado o coração, sendo motivados pelo sentimento de gratidão pelo dom da graça, e energizados pelo Espírito Santo, os cristãos "servem em novidade de espírito, e não na caducidade da letra" (Rm 7.6).

Em terceiro lugar, os cristãos foram libertados da superstição, inclusive da ideia de que a matéria e o prazer físico são intrinsecamente maus. Contra esta ideia, Paulo insiste em que os cristãos são livres para desfrutar de todas as boas coisas como dádivas de Deus (1Tm 4.1-5), na condição de não transgredirmos a lei moral, nem atrapalharmos o nosso bem-estar espiritual ou o dos outros (1Co 6.12,13; 8.7-13).

*Bíblia de Estudo de Genebra*